

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano 3



Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e
a Competência no Desenvolvimento Humano
3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	As ciências humanas e sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (As ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-517-4 DOI 10.22533/at.ed.174190607 1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena editora apresenta o e-book “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Competências no Desenvolvimento Humano”.

São ao todo noventa e três artigos dispostos em quatro volumes e dez seções.

No volume 1 apresentam-se artigos relacionados as temáticas *Estado e Democracia; Gênero: desigualdade e violência; Identidade e Cultura e Perspectivas teóricas e produção de conhecimento*. As seções descritas possibilitam o acesso a artigos que introduzem o tema central do e-book, através de pesquisas que abordam a formação social brasileira e como é possível identificar o s r reflexos de sta na constituição do Estado, nos espaços de participação social, nas relações de gênero e constituição da identidade e cultura da população.

O volume 2 está organizado em três seções que apresentam relação e continuidade com o primeiro volume, em que são apresentadas pesquisas que trazem como objeto de estudo as políticas de saúde, de educação e de justiça e a relação destas com a perspectiva de cidadania.

Território e desenvolvimento regional: relações com as questões ambientais e culturais, é a seção que apresenta os artigos do volume 3 do e-book. São ao todo 20 artigos que possibilitam ao leitor o acesso a pesquisas realizadas em diferentes regiões do país e que apontam para a relação e especificidades existentes entre território, questões econômicas, estratégias de organização e meio ambiente e como estas acabam por interferir e definir nas questões culturais e desenvolvimento regional. São pesquisas que contribuem para o reconhecimento e democratização do acesso à riqueza da diversidade existente nas diversas regiões do Brasil.

Para finalizar, o volume 4 apresenta 23 artigos. Nestes, os autores elaboram pesquisas relacionadas a questão econômica, e como, as decisões tomadas neste campo refletem na produção de riqueza e nas possibilidade de acesso ao trabalho e renda. As pesquisas apontam também para estratégias identificadas a exemplo da organização de cooperativas, empreendedorismo, uso da tecnologia e a importância das políticas públicas.

As pesquisas apresentadas através dos artigos são de extrema relevância para as Ciências Humanas e para as Ciências Sociais Aplicadas, e contribuem para uma análise mais crítica e fundamentada dos processos formativos e das relações estabelecidas na atual forma de organização social, econômica e política.

Desejamos boa leitura e todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: RELAÇÕES COM AS QUESTÕES AMBIENTAIS E CULTURAIS

CAPÍTULO 1	1
“BLINDSPOT”: PONTOS CEGOS DA DIMENSÃO AMBIENTAL EM UMA SEMIOSFERA	
Helio Fernando de Oliveira Junior	
DOI 10.22533/at.ed.1741906071	
CAPÍTULO 2	10
A VIDA QUE PULSA EM CIDADES E RIOS DA AMAZÔNIA	
Joristela de Souza Queiroz	
José Aldemir de Oliveira	
Rita Maria dos Santos Puga Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.1741906072	
CAPÍTULO 3	22
IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS CAUSADOS PELO CULTIVO DA MANDIOCA (<i>MANIHOT SCULENTA</i>) NA COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS – BRAGANÇA/PA	
Alciene Lisboa de Brito	
Helton Pacheco	
Ana Paula Cavalheiro de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.1741906073	
CAPÍTULO 4	27
EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL: ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO SÍTIO MOCOTÓ NA CIDADE DE VÁRZEA ALEGRE-CE	
Thays Barros Carvalho	
Márcia Maria Leite Lima	
DOI 10.22533/at.ed.1741906074	
CAPÍTULO 5	39
AS POSSIBILIDADES DO CICLOTURISMO PARA A REGIÃO DOS CAMPOS GERAIS DO PARANÁ – BRASIL	
Rubia Gisele Tramontin Mascarenhas	
Leandra Luciana Barbieri de Oliveira	
Gabriella Rister Luchini	
DOI 10.22533/at.ed.1741906075	
CAPÍTULO 6	48
IMPACTOS DA ATIVIDADE MINERADORA NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL: UMA ANÁLISE ACERCA DA NECESSIDADE DE CONTROLE SOCIAL	
Igor Eduardo dos Santos Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.1741906076	

CAPÍTULO 7	56
PAISAGEM E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: UM ESTUDO A PARTIR DA REGIÃO HIDROGRÁFICA DOS RIOS CHAPECÓ E IRANI (RH2)	
Daiane Regina Valentini Janete Facco Manuela Gazzoni dos Passos	
DOI 10.22533/at.ed.1741906077	
CAPÍTULO 8	69
TERRA INDÍGENA MARÓ E CONFLITO SOCIOAMBIENTAL NA GLEBA NOVA OLINDA: UM OLHAR ETNOGRÁFICO	
Ib Sales Tapajós	
DOI 10.22533/at.ed.1741906078	
CAPÍTULO 9	82
MONÓLITOS DE QUIXADÁ/CE: UM LEGADO CULTURAL PARA O ECOTURISMO	
Hermógenes Henrique Oliveira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.1741906079	
CAPÍTULO 10	95
A QUESTÃO URBANA E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATOS DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO PROGRAMA DE APOIO A REFORMA URBANA DA UFPA E O PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO URBANO E REGIONAL DA UFPR	
Eliza Maria Almeida Vasconcelos Maria Tarcisa Silva Bega	
DOI 10.22533/at.ed.17419060710	
CAPÍTULO 11	105
O (DES) ENVOLVIMENTO TERRITORIAL: A LUTA DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE SEROPÉDICA-RJ POR SUA INCLUSÃO NO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR	
Diná Andrade Lima Ramos Márcio de Albuquerque Vianna Lamounier Erthal Villela	
DOI 10.22533/at.ed.17419060711	
CAPÍTULO 12	117
PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL EM UMA COOPERATIVA DE CRÉDITO: O CASO DO SICREDI UNIÃO RS, AGÊNCIA DE SANTO ÂNGELO	
Pedro Luís Büttenbender Ademir da Silva Dutra Ariosto Sparemberger Giovana Fernandes Writzl	
DOI 10.22533/at.ed.17419060712	

CAPÍTULO 13 132

AROMATERAPIA: ESTUDO DAS PROPRIEDADES DOS ÓLEOS ESSENCIAIS DE CANELA E CITRONELA APLICADOS A PRODUÇÃO DE SABONETES ARTESANAIS

Marina Serafim da Rocha
Giovanni Uema Alcantara
Caroline de Souza Rodrigues
Mayra Beatriz Stanize Martins dos Reis
Raquel Teixeira Campos
Marcelo Telascrêa

DOI 10.22533/at.ed.17419060713

CAPÍTULO 14 139

ESTUDO DA APLICABILIDADE DE RESÍDUOS ORGÂNICOS COMO ESSÊNCIA EM SABONETES ARTESANAIS

Afonso Poli Neto
Caroline de Souza Rodrigues
Fabiana Navas Reis
Laís Cabrerizo Vargas de Almeida
Luiz Gustavo de Moraes Gazola
Murilo Ferreira da Rua
Marcelo Telascrêa
Raquel Teixeira Campos

DOI 10.22533/at.ed.17419060714

CAPÍTULO 15 148

RESSIGNIFICAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS E SUA CONTRIBUIÇÃO NA REQUALIFICAÇÃO DA CIDADE: ESTUDO DE UM PARQUE DE EXPOSIÇÕES EM MANHUAÇU - MG

Bruna Agda Cezário Tuelher
Wagner de Azevêdo Dornellas

DOI 10.22533/at.ed.17419060715

CAPÍTULO 16 162

UM OLHAR PARA O FUTURO DO TURISMO NA PERSPECTIVA DO *TRADE* E PODER PÚBLICO – UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ/SC

Ana Paula Cardoso
Gleiciane Cristina Selau
Marina Tété Vieira

DOI 10.22533/at.ed.17419060716

CAPÍTULO 17 173

UM RIZOMA DE TROCAS, EXPERIÊNCIAS E SENSIBILIDADES: NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE O COMÉRCIO DE AÇAÍ DO MARAJÓ DAS FLORESTAS

Daniel da Silva Miranda
Fernando Arthur de Freitas Neves
Ramiro Esdras Carneiro Batista
Sabrina Campos Costa

DOI 10.22533/at.ed.17419060717

CAPÍTULO 18 187

URBANIZAÇÃO DE ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS E (IN) SUSTENTABILIDADE URBANA: CONTRADIÇÕES NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM (PA)

Marlon D'Oliveira Castro
Valéria Maria Pereira Alves Picanço

DOI 10.22533/at.ed.17419060718

CAPÍTULO 19	206
PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DE UMA CASA DE APOIO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DE UM MUNICÍPIO DE SANTA CATARINA DIANTE DA VIOLÊNCIA SOFRIDA PELAS MULHERES E SUAS CONSEQUÊNCIAS	
Viviani Coelho	
Daiana Rosa da Silva	
Inea Giovana da Silva Arioli	
DOI 10.22533/at.ed.17419060719	
CAPÍTULO 20	216
PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE MARKETING EM RELAÇÃO AS ESTRATÉGIAS DE ENDOMARKETING® UTILIZADAS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DA ZONA DA MATA MINEIRA	
Joyce Jane de Almeida Pereira	
Gean Cesar da Costa	
Andréia Almeida Mendes	
Fernando Albuquerque Miranda	
Reginaldo Adriano de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.17419060720	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	206
ÍNDICE REMISSIVO	207

“BLINDSPOT”: PONTOS CEGOS DA DIMENSÃO AMBIENTAL EM UMA SEMIOSFERA

Helio Fernando de Oliveira Junior

Faculdade Jaguariaíva – FAJAR – Jaguariaíva,
Paraná.

RESUMO: Desde os primórdios, o homem mantém relações diretas ou indiretas com meio ambiente: na alimentação, na confecção de utensílios, fármacos; etc. Logo, poderia ser considerado a área mais compreendida e aceita no meio escolar. Porém, o ensino das questões ambientais segue o modelo tradicionalista de educação, onde o aluno é um mero ouvinte, não participa ou constrói conceitos. O presente artigo traz algumas concepções de alunos de ensino médio, de escolas públicas e particulares localizada na cidade de Jaguariaíva - Paraná, sobre uma possível cegueira ambiental, nesse artigo entendida com a proposição da terminologia “blindspot” ou pontos cegos.

PALAVRAS-CHAVE: cegueiras do conhecimento; aprendizagem significativa; educação ambiental.

ENVIRONMENTAL BLINDSPOTS IN A SEMIOSPHERE

ABSTRACT: Since the beginning of time, mankind has direct or indirect relationship with environment: feeding, crafting, making

medicines, etc. Thus, could be considered the most understood and accepted at school environment. However, the teaching of environmental concerns follows the traditional model of education where the student is a mere listener, does not participate or build concepts. This article brings some conceptions of high school students, from public and private scenario located in the city of Jaguariaíva (Paraná), about a possible environmental blindness and it is understood in this article as a proposition of the new terminology, “blindspot”.

KEYWORDS: knowledge blindness; meaningful learning; environmental education.

1 | INTRODUÇÃO

É notório o acentuado viés no modo de enxergar e estudar o ambiente por parte da maioria dos estudantes, professores e até mesmo especialistas (SALATINO; BUCKERIDGE, 2016), onde normalmente, percebe-se uma visão de cunho mais naturalista. Podemos entender essa fragmentação do conhecimento como uma característica humana que reconhece e/ou ignora determinados aspectos do conhecimento. Salatino e Buckeridge (2016), consideram que uma explicação para essa percepção fragmentada teria um importante fator cultural.

Ao analisar essa forma de enxergar o mundo, de forma incompleta Salatino e Buckeridge (2016) defendem o termo “cegueira” para explicar a ausência de determinados conceitos/conteúdos na compreensão do mundo. Salatino e Buckeridge (2016) apresentam Wandersee e Schussler (2002) como criadores do termo cegueira, quando relacionado a botânica. Wandersee e Schussler (2002) definiram a cegueira botânica (*Plant Blindness*) como a incapacidade de reconhecer a importância das plantas na biosfera e no nosso cotidiano e ainda acrescentam que por achar que as plantas são seres inferiores aos animais, portanto, imerecedores de atenção equivalente.

Nesse primeiro momento da aplicação do conceito de cegueira, fica claro que determinados conhecimentos não aparecem quando avaliamos os conhecimentos em determinadas áreas do saber. Podemos pensar que certos conhecimentos não foram significativos para um aluno ou mesmo grupo de alunos, determinando assim, sua exclusão. Entende-se aqui a aprendizagem significativa como a interação de um novo conhecimento e um já existente, em que ambos se modificam (MOREIRA, 2005; MOREIRA, 2011) e ao ganhar significado, tornam-se presente na compreensão e explicação do mundo que nos cerca.

Ao analisar essa exclusão e partindo do conceito de aprendizagem significativa, entende-se que o modelo de educação pode não estar sendo adequada para elaborações mais complexas e integradas. Miranda e Souza (2011) reconhecem que uma abordagem objetiva e racionalista do meio ambiente, tem uma grande contribuição para o conhecimento científico, mas ao mesmo tempo critica essa abordagem ao afirmar que tem se mostrado insuficiente para promover mudanças significativas na conduta da sociedade, em especial diante da complexidade dos problemas ambientais contemporâneos. (MIRANDA; SOUZA, 2011).

Durks e Silva (2016) aproximam a reflexão de Bauman e Morin, e apresentam que o atual contexto social-histórico exige da educação escolar a característica da reflexividade individual e coletiva acerca do mundo herdado e a ser construído. É necessário assim, que a noção de conhecimento na contemporaneidade, mais do que encontrar uma verdade ou ordem absoluta, necessita compreender a complexidade e a dialogicidade do real (ordem, desordem, organização), bem como a ambivalência constitutiva em todo ato de interpretação e tradução do real. Isso significa reconhecer que os paradigmas positivistas que se tornaram hegemônicos na modernidade precisam ser compreendidos como instâncias poderosas de conhecimento, que criaram não apenas luzes e certezas, como também cegueiras, e ilusões. Reconstruir as diferentes tradições de conhecimento herdadas do mundo moderno talvez nos ajude a compreender os desafios éticos e políticos contemporâneos, os quais parecem exigir o reconhecimento da ambivalência da linguagem e da necessária religação dos saberes. Condição esta essencial para a construção de uma política e de uma ética planetária, a qual desafia a escola, uma instituição social-histórica, a ser uma das mediadoras do processo auto-reflexivo e civilizatório.

Carvalho e Rodrigues (2015) conspiram para essa reflexão, apresentando Amorim Filho (1992) e Okamoto (1996). Nesse sentido, uma questão que requer atenção é o estudo da percepção ambiental, já que esta área diz respeito às interações entre o comportamento humano e o meio ambiente e, também pode apontar o melhor caminho para se enfrentar e controlar os danos ambientais dentro de determinadas comunidades. Contudo, a complexidade do comportamento humano tem sido estudada por alguns pesquisadores a partir da hipótese de que as aspirações, decisões e ações (individuais e coletivas) que os homens desenvolvem em relação ao ambiente em que vivem podem ser avaliadas através de uma cuidadosa análise das atitudes, preferências, valores, percepções e imagens que a mente humana tem a capacidade de elaborar. Para ele, um grupo de intelectuais está convencido de que os estudos sobre percepções ambientais constituem a última e decisiva fronteira no processo de uma gestão mais eficiente e harmoniosa. (AMORIM FILHO, 1992).

A compreensão daquilo que os alunos se apropriam nas questões ambientais e consequentemente daquilo que não aprenderam, tem como forte vertente as análises de percepção ambiental. Os estudos que utilizam a percepção ambiental visam investigar a maneira como o ser humano enxerga, interpreta, convive e se adapta à realidade do meio em que vive, principalmente em se tratando de ambientes instáveis ou vulneráveis socialmente e naturalmente. (OKAMOTO, 1996).

Ao introduzir a ideia do não aprendido, retorno ao conceito de cegueira, apresentado anteriormente e ampliar o conceito, com uma mudança conceitual, passando de “cegueira” para “pontos cegos”. Freitas (2016) apresenta o conceito de pontos cegos, aqui também denominado “blindspot”, de acordo com a autora, a aprendizagem guarda certas dimensões, onde o verbo guardar é o mais exato, pois algumas dimensões dimensão existem, mas não aparecem; está em ponto cego. Morin (2000), também nos aproxima do conceito ao afirmar que vivemos numa realidade multidimensional, simultaneamente econômica, psicológica, mitológica, sociológica, mas estudamos estas dimensões separadamente, e não umas em relação com as outras. O princípio de separação torna-nos talvez mais lúcidos sobre uma pequena parte separada do seu contexto, mas nos torna cegos ou míopes sobre a relação entre a parte e o seu contexto.

Dessa forma, fica claro a proposição do uso de pontos cegos ou blindspot como alternativa a cegueira, pois enquanto a cegueira transmite a sensação de ausência de um determinado aprendizado, os pontos cegos, nos faz entender que podem existir aprendizados parciais. A percepção desses pontos cegos, pode permitir ao educador (ambiental ou não), uma visão mais integrada do conhecimento, para então partir daquilo que ele consegue ver para o que ele ainda precisa ver, buscando assim estratégias que tornem a aprendizagem ainda mais significativa.

Em busca da compreensão de como esses pontos cegos se apresentam em alunos do ensino médio da cidade de Jaguariaiva, esse trabalho e objetiva caracterizar a percepção no que diz respeito ao conceito ambiental de escolas

Públicas e Particulares da cidade, identificando e plotando os conhecimentos em uma semiosfera gráfica.

2 | MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi realizado entre os anos de 2016 e 2018, no município de Jaguariaíva-PR, localizado na mesorregião do Norte Pioneiro (Figura 1).. A cidade apresenta uma população, segundo o último censo populacional brasileiro do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 34.164 pessoas. Segundo o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES (2004), essa mesorregião está localizada em parte no Segundo Planalto e em parte no Terceiro Planalto, caracteriza-se por apresentar uma condição ambiental muito modificada, com cobertura vegetal reduzida a poucos fragmentos florestais. A condição de depauperação ambiental da região é acentuada devido à ausência de áreas significativas com reflorestamento (0,8% da área do território da mesorregião) e, ainda, à pequena extensão de florestas protegidas como Unidades de Conservação.

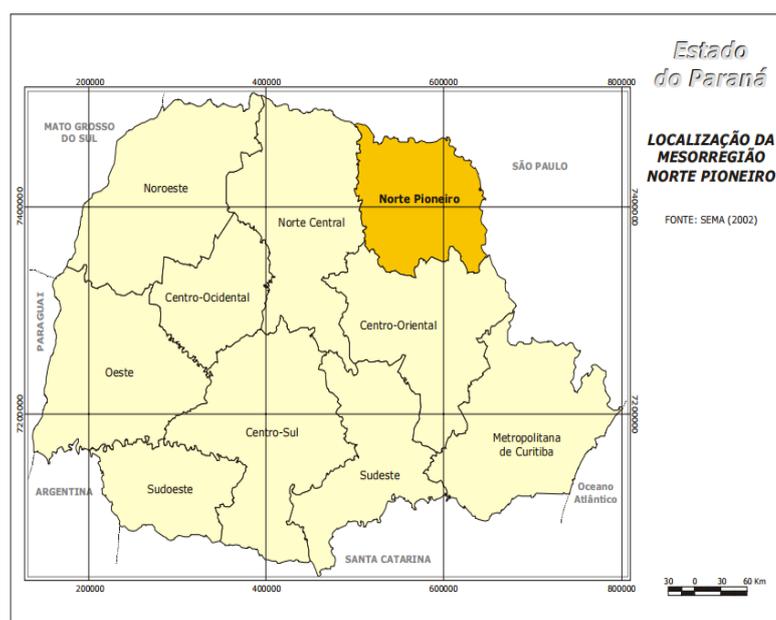


Figura 1: Localização da Mesorregião do Norte Pioneiro.

Fonte: IPARDES (2004).

Na metodologia utilizada optou-se pelo desenvolvimento de um estudo exploratório quantitativo, possibilitando dessa forma, refinar conceitos e desenvolver hipóteses para estudos *à posteriori*, assim como identificar e quantificar variáveis e fenômenos possíveis de serem estudados dentro da temática proposta.

A investigação caracterizou-se pela realização de uma entrevista dirigida, utilizando questionário semiestruturado, na tentativa de buscar mensurar alguns elementos dentro da temática, com arguições relevantes, tais como: o meio ambiente,

problemas ambientais, importância dos problemas ambientais, realidade ambiental da escola e a necessidade pessoal em participar de programas ou ações ambientais. A coleta dos dados foi realizada através de entrevistas reunindo alunos e alunas de diversas escolas da cidade, públicas e particulares, em um total de 67 pessoas.

Para a aplicação da entrevista foram seguidas as seguintes etapas: (a) apresentação do aplicador e exposição dos objetivos da pesquisa; (b) reiteração sobre o anonimato dos participantes e a confidencialidade de suas respostas; (c) informação sobre a livre deliberação de cada um em responder; e, por fim, (d) instruções sobre a liberdade em suas respostas.

As entrevistas realizadas foram submetidas à análise de conteúdo (BARDIN, 2009). As respostas dos alunos foram relacionadas com os temas selecionados para nosso estudo: e a partir dos dados, foi então construído a semisfera, onde são identificados possíveis pontos cegos, em suas concepções ambientais.

3 | RESULTADOS

Ao serem aplicadas as entrevistas, foram observados de uma forma geral que a maioria dos estudantes quando questionados o que era o meio ambiente o consideraram como sendo constituído apenas por elementos naturais: “animais, plantas, ar, água e solo”. Isso é um aspecto relevante, pois demonstra que o conceito dado ao meio ambiente não aumenta em complexidade à medida que se aumenta o grau de escolaridade, considerando que foram analisados alunos do ensino médio, que já tiveram em seu currículo questões ambientais desde sua inserção no ambiente escolar.

Quando perguntados sobre o que é meio ambiente as respostas surgem de forma bastante incompleta como quando dizem que é “Tudo em minha volta”, mas sem saber explicar o que seria essa totalidade. Surge ainda uma visão bem naturalista, trazendo conceitos bem ecológicos e naturalista, ao assumir que meio ambiente seria sinônimo de ecossistema ou ao explicitar que seria “tudo em volta, seres vivos vivem”. O saber ambiental nesse momento apresentado, infelizmente não causa estranheza, é um saber ambiental que está impregnado por uma visão fragmentada da realidade, tendo como um dos motivos conhecimento ser apresentado de forma fragmentada, como diria Paulo Freire. (2001a).

Perguntados sobre ações efetivas, surgem dois pontos apenas, o plantar árvores e ajudar animais, nesse caso, relacionado a ter um animal de estimação. Algo interessante, é que todos têm animais adotados, o que parece ser uma realidade ampliada em cidades do interior. Souza (2014) nos demonstra que essa atitude é uma forma de educação ambiental, pois ter os animais não é uma obrigação, mas uma escolha, a qual pode gerar responsabilidades.

Quando levantado questões sobre o consumo como diferente entre homens

e mulheres, e possíveis repercussões ambientais, surge uma visão pouco crítica, com a afirmação do consumo maior de mulheres chegando a afirmação de que as mulheres compram de forma compulsiva. Surgem apenas pequenos momentos de maior reflexão, onde questões biológicas como o fato de ter filho e assim, e dessa forma necessitando de um consumo maior devido a essa situação. É importante destacar que essa visão não se apresenta como algo real, mesmo que as mulheres, temos que destacar por exemplo, o fato das mulheres terem salários menores que os homens. A compreensão dos padrões de consumo, demandariam uma análise da complexidade da cultura do consumo. (TRINCA, 2008).

Com a ideia do consumo apresentada, surgem questionamentos sobre o consumo em uma relação de consumismo e ostentação, acima da qualidade, algo de marca ou preço alto, poderia ser algo a comprar indiferente de sua necessidade. Não apresentam a preocupação com a origem de algo que compra. Para Brandalise et al. (2009) a percepção Ambiental é formada por questões que se referem às ações, à conduta ambiental no cotidiano, considerando os elementos redução/conservação de recursos no consumo, reutilização e reciclabilidade, e se busca verificar o grau de percepção e conduta do consumidor, considerando a variável ambiental. As características psicográficas incluem as necessidades individuais, percepção, atitude, personalidade e estilo de vida e são importantes, pois são determinantes pessoais ou intrapessoais do comportamento do consumidor. A percepção ambiental é demonstrada pela ação ou comportamento em relação às atividades domésticas, profissionais e de lazer, sobretudo na aquisição e consumo de produtos considerados ecologicamente corretos.

Ao final da discussão, mesmo ampliados alguns aspectos da discussão, com a inclusão da questão do consumo e de homens e mulheres, no entanto, ao final sendo pedido que resumissem meio ambiente em uma palavra, retornam as ideias estritamente naturais, destacam-se as respostas mais apresentadas: “meio ambiente”, “vida”, “árvore”, “animal”, “natureza”, “sobrevivência” [...]. Apresenta-se a seguir uma visão gráfica dessa visão, na forma de uma semiosfera (Figura 2).

Na representação esquemática da semiosfera são mostrados alguns exemplos de elementos conceituais do meio ambiente reconhecidos pelos alunos durante a entrevista. Os tons de cinza na figura representam camadas gradativamente mais obscuras para o início de um processo de reconhecimento que tenham significado em relação ao universo de conhecimentos. Quanto mais escuros, mais longe dos conhecimentos rapidamente mobilizados e conseqüentemente mais perto de serem ignorados, podendo assim, serem considerados como pontos cegos dos conhecimentos.

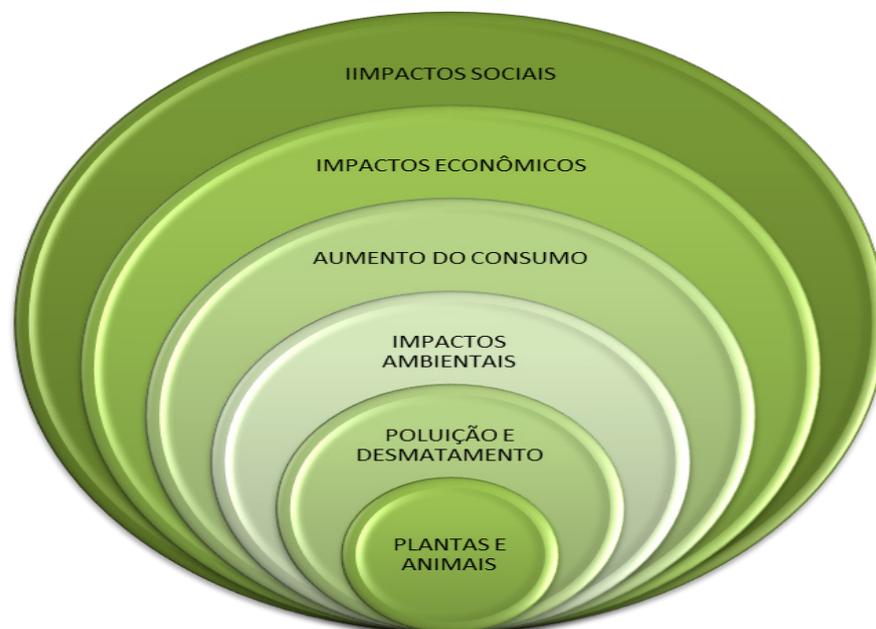


Figura 2: Semiosfera dos conhecimentos ambientais.

Fonte: O autor.

Considerando um forte apelo naturalista, podemos nos perguntar até que ponto a ignorância gerada pelos pontos cegos podem influenciar negativamente a tomada de decisões em questões ambientais? Com certeza é urgente pensar em metas de curto, médio e longo prazos, que consigam mudar a imagem que prevalece na mente de grande parte das comunidades discente e docente ligadas a questão ambiental.

Não se pode desconsiderar que o aprendizado é pessoal, que se desenvolve não apenas em situações formais, aprendemos pela observação, interação, por nossas experiências, então o que estaria levando nossos alunos a não buscarem por essa aprendizagem ambiental? O que será que a escola não nos ensina, ou melhor porque a escola não nos ensina determinadas questões consideradas fundamentais na compreensão do meio ambiente?

Retornando a Paulo Freire (2001b), compreende-se que ensinar ou ser professor, não autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do docente lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. E talvez aqui esteja ao menos parte da resposta das indagações sobre a existências de tantos pontos cegos nos conhecimentos ambientais.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão do ambiente como algo integrado, não apenas as questões naturais, mas a inserção de aspectos sociais, econômicos, de gênero [...] permitem uma tomada de consciência do ambiente Perceber e compreender o ambiente que

se está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo é uma forma de ir além de uma conscientização, é permitir uma sensibilização, a qual permite mudanças de atitudes. Cada pessoa percebe, reage e responde diferentemente a compreensão do ambiente em que vive. As respostas ou manifestações daí decorrentes são resultado das percepções (individuais e coletivas), dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa.

Cada pessoa interpreta o mesmo mundo de formas diferentes, são percepções diferentes de uma mesma realidade, é uma dificuldade concreta em compreender o mundo em sua totalidade. A elaboração de uma semiosfera, como um instrumento pedagógico auxiliar pode possibilitar a identificação e de conhecimentos ambientais frente às várias áreas do conhecimento ambiental, e dessa forma, possibilitar aos educadores a busca por novas metodologias que levam a uma aprendizagem realmente significativa de nossos alunos.

Assim, é fundamental que os educadores superem uma formação fragmentada em questões ambientais, e procurem aprofundar-se no assunto, é necessário que as escolas, em todos os níveis, cumpram bem o seu papel para que os alunos então possam ter uma concepção integrada e complexa do meio em que vivem.

Dessa forma, pode-se refletir que a educação necessária para que mais que informações fragmentadas, tenhamos conhecimentos concretos e uma sensibilização para mudanças de valores e atitudes, é de grande importância o conhecimento daquilo que se sabe sobre o ambiente, e a partir deste conhecimento, buscar aquilo que seria desejável, na ideia de pontos cegos, poderíamos afirmar que é necessário a passagem dessa escuridão cognitiva para uma concepção mais complexa de mundo.

Como reflexão final, busco na Espiral do silêncio proposta Scheufele (2007), aproximando suas ideias midiáticas e trazendo para a educação a reflexão de que da mesma forma que a mídia nos impões pontos cegos, silenciando ideias, a escola pode silenciar ou então abrir possibilidades concretas de intervenção, em uma visão ampliada de mundo.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. Os estudos da percepção como última fronteira da gestão ambiental, In: Simpósio ambiental e qualidade de vida na região metropolitana de Belo Horizonte e Minas Gerais, 2, 1992, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Brasileira de Engenharia Geológica, 1992.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.

BRANDALISE, Loreni Teresinha et al . A percepção e o comportamento ambiental dos universitários em relação ao grau de educação ambiental. **Gest. Prod.**, São Carlos , v. 16, n. 2, p. 273-285, June 2009 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-530X2009000200010&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Oct. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-530X2009000200010>.

CARVALHO, Aurean de Paula; RODRIGUES, Maria Anunciada Nery. Percepção ambiental de

moradores no entorno do açude Soledade no estado da Paraíba. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, v. 19, n. 3, p.25-35, set./dez. 2015.

DÜRKS, Daniel Bardini; SILVA, Sidinei Pithan da. Ambivalência, complexidade e conhecimento: Bauman e Morin. **Controvérsia**, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p.35-43, jan./abr. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido 30 anos depois**. In: FREIRE, A. A.F. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001 (a).

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estud. av.**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, Aug. 2001(b). Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>.

FREITAS, Ana Beatriz Machado de. A Dimensão Estética na Aprendizagem: desocultando pontos cegos. **Educ. Real.**, [s.l.], v. 41, n. 2, p.575-589, jun. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623648223>.

IPARDES. **Leitura regionais: Mesorregião Geográfica Norte Pioneiro Paranaense**. Curitiba: Gráfica do Estado, 2004. 141 p.

MIRANDA, N. M.; SOUZA, L. B. Percepção Ambiental em propriedades rurais: Palmas (TO), Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 23, p. 171-186, 2011.

MOREIRA, M.A.. Mapas Conceituais e Aprendizagem Significativa. **Revista Chilena de Educação Científica** 4: 38-44. 2005.

MOREIRA, M.A. Aprendizagem significativa: um conceito subjacente. **Aprendizagem Significativa em Revista**, Brasília, v. 1, n. 3, p.25-46, jan. 2011. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo_ID16/v1_n3_a2011.pdf>. Acesso em: 06 out. 2017.

MORIN, Edgar. **Da necessidade de um pensamento complexo**. In: MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. (Org.) **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000, pp. 19-42.

OKAMOTO, J. **Percepção Ambiental e Comportamento**. São Paulo: Plêiade, 200p., 1996.

SALATINO, Antonio; BUCKERIDGE, Marcos. “Mas de que te serve a botânica?”. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 30, n. 87, p.177-196, ago. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142016.30870011>.

SCHEUFELE, D. A. **Opinion climates, spirals of silence, and biotechnology: public opinion as a heuristic for scientific decision making**. In: BROSSARD, D.; SHANAHAN, J.; NESBIT, T. C. (Ed.) **The public, the media and agricultural biotechnology**. An international casebook. Cambridge, MA: Oxford University Press/CABI, 2007. p.231-41.

SOUZA, Alinne Silva de. Direitos dos animais domésticos: análise comparativa dos estatutos de proteção. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, [s.l.], v. 5, n. 617, p.110-132, 2014. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. <http://dx.doi.org/10.7213/rev.dir.econ.socioambienta.05.001.ao06>.

TRINCA, Tatiane Pacanaro. **O corpo-imagem na “cultura do consumo”**: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. Marília: Edunesp, 2008. 154 p.

WANDERSEE, J. H.; SCHUSSLER, E. E. Toward a theory of plant blindness. **Plant Science Bulletin**, v.47, p.2-9, 2002.

SOBRE A ORGANIZADORA

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE - Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), pós-graduação em Administração Pública pela Faculdade Padre João Bagozzi (2008) é Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013), Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Assistente Social da Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social - Governo do Estado do Paraná, atualmente é chefe do Escritório Regional de Ponta Grossa da Secretaria de estado da Família e Desenvolvimento Social, membro da comissão regional de enfrentamento às violências contra crianças e adolescentes de Ponta Grossa. Atuando principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, medidas socioeducativas, serviços socioassistenciais, rede de proteção e política pública de assistência social.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar
Alimentação escolar
Amazônia
Aromaterapia
Assentamentos precários
Atividade mineradora

C

Cicloturismo
Controle social
Cooperativa de crédito
Cultura

D

Desenvolvimento regional
Desenvolvimento territorial

E

Ecoturismo
Empreendedorismo sustentável
Etnografia

I

Impactos socioambientais

M

Meio ambiente
Monólitos

O

Óleos essenciais

R

Reforma urbana
Resíduos orgânicos

Ressignificação de espaços públicos

Rizoma

S

Sabonetes artesanais

Semiosfera

Sustentabilidade ambiental

T

Terra indígena

Território

Turismo

U

Urbanização

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-517-4



9 788572 475174